

Entrevista publicada no Empregos Online dia 28 de Junho de 2009

«Aqui não se ensina, aprende-se»

Entrevista Edgar Brito, director de Marketing da Eudem

«Aqui não se ensina, aprende-se». Esta é a filosofia da Escola e o estilo de vida do próprio director de Marketing. Admite assistir regularmente às aulas de Estratégia, «por gosto». Edgar Brito tem 38 anos, uma vasta experiência no mercado de trabalho e a certeza de que Portugal tem uma falha grave: falta de bons líderes.

Empregos Online: Na Eudem não se ensina, aprende-se. Porquê?

Edgar Brito: Na Eudem não se ensina, aprende-se, porque a nossa metodologia e forma de desenvolver trabalho distancia-se em tudo do que é normalmente encontrado numa escola Académica. A Eudem é uma escola de negócios totalmente virada para o mercado. A primeira diferença é logo no corpo docente. O nosso corpo docente é constituído por profissionais activos no mercado, do qual são profundos conhecedores. São por isso capazes de colocar desafios reais e concretos aos alunos. Na Eudem não se faz testes. Aqui elaboram-se projectos em grupo que depois são apresentados aos docentes e avaliados, de acordo com a sua aplicabilidade no mercado. Além disso, os docentes são profissionais nas mais diversas áreas, permitindo dar uma noção dos desafios, fragilidades e potencialidades das mais diversas áreas para os mais diversos objectivos. A diversidade, abrangência e interdisciplinaridade são muito importantes para a Eudem.

EO: Para fazer os MBA da Eudem é necessário preencher alguns requisitos. Quais são?

EB: O principal requisito é o mínimo de 3 anos de experiência no mercado, e ter ou já ter tido pessoas a cargo. O nosso público-alvo são dirigentes, directores, gestores de topo. Para nós a experiência no mercado de trabalho, ocupação de cargos de chefia e espírito empreendedor são requisitos muito mais importantes do que uma licenciatura.

EO: Porquê?

EB: Por duas razões essenciais. Em primeiro lugar porque a nossa filosofia e estratégia é muito mais virada para a prática, com o contexto e conjunturas reais do mercado. Sabemos que apenas desta forma os profissionais podem estar preparados para enfrentar o mercado, adaptar-se às mudanças, trazer mais-valias e criar emprego. Em segundo lugar porque temos consciência do perfil do empresário e empreendedor português. Em Portugal, o tecido empresarial é constituído quase 80% por PME. A maioria dos líderes destas empresas não são licenciados, mas são pessoas muito empreendedoras e com visão. Visamos fornecer-lhes a formação extra que lhes falta para que possam desempenhar a sua função ainda melhor.

EO: Como é feito o processo de selecção dos alunos?

EB: É feita uma entrevista para verificar a disponibilidade e apetência do candidato para frequentar um curso da Eudem. O director pedagógico entrevista também e a pessoa recebe uma carta em casa para saber se foi admitido ou não.

EO: O número de alunos aumentou nos últimos tempos?

EB: Estamos no mercado desde 1996 e já temos cinco centenas de alunos diplomados, ou seja considerados, por certificação, MBA. Desde há cinco anos para cá que o numero de alunos aumentou em três centenas.

EO: Existe alguma relação entre o aumento do desemprego e o aumento do número de alunos?

EB: Não me parece que seja pelo aumento do desemprego, mas sim por uma conjuntura instalada e que

não vai retroceder. A competitividade é global, e a mudança é ao segundo. As pessoas perceberam e vão percebendo cada vez mais que é impossível sobreviver num mercado com estas características sem se actualizar constantemente. É necessário continuar a procurar a aprender, a actualizar-se, a alimentar-se de ideias que vingem no mercado. É essencial sobretudo alimentar os líderes com ferramentas. As pessoas aperceberam-se de que a licenciatura não é um FIM, é um princípio. O típico empresário português não é uma pessoa analítica, é uma pessoa de visão e de estratégia.

EO: Considera que a política educativa dos governos têm fornecido essas bases para que os recursos humanos consigam ser mais-valias para as suas empresas e logo para a economia?

EB: Não. A política educativa do governo criou profissionais muito virados para si próprios, com pouca capacidade para trabalhar em equipa e para aceitar as divergências e aprender com elas. Se reparar nas universidades portuguesas, os alunos são na grande maioria das vezes avaliados através de testes realizados individualmente. No mercado, há muito tempo que o trabalho de equipa é uma condição essencial.

Além disso, Portugal sempre se virou demasiado para a Academia. Na minha visão, a carreira académica apenas deve ser seguida por quem deseja seguir carreira docente ou investigador. Quem quer trabalhar no mercado deve seguir as escolas de negócio a partir da licenciatura.

EO: Há então um excesso de investimento nas Universidades e Politécnicos e falta de investimento nas escolas?

EB: Na entrada de Portugal e Espanha na UE em 1986, ambos os países receberam fundos para investir na Educação. Espanha decidiu investir na formação dos líderes e Portugal aproveitou para formar as massas. O resultado está à vista. Espanha, apesar de neste momento atravessar uma grave crise, tornou-se uma das principais economias europeias. Os líderes das empresas são a alavanca do desenvolvimento, e no nosso país são muito pouco valorizados.

EO: Considera que há falta de liderança nas empresas portuguesas?

EB: Definitivamente. Os portugueses são muito produtivos, quando devidamente liderados. Se não pensemos no caso do Luxemburgo, um dos países mais produtivos da Europa em que grande parte da população activa é portuguesa.

EO: Vê uma evolução na política educativa do governo para uma maior aproximação ao mercado?

EB: Sim. O processo de Bolonha é um passo positivo, bem como a avaliação de professores. Se todos nós somos avaliados no nosso trabalho porque os professores têm de ser uma excepção.

PERCURSO PROFISSIONAL

Edgar Brito tem 38 anos e é licenciado em Marketing e Publicidade pela IMPACT. Tem um MBA em Direcção-Geral de Empresas, sendo ainda Master em Comércio Internacional. Iniciou a sua carreira profissional muito cedo na empresa MOPE. Começou por fazer estudos de mercado, mas chegou a cargo de Director. Seguidamente fundou a sua própria empresa: a INM, que foi mais tarde comprada pela Schoober. Quando, em 2006, apresentou um projecto para os órgãos de direcção do Sporting, mal sabia que estava a ser ouvido por Hélder Varandas. O presidente da Eudem convidou-o para trabalhar numa parceria que já dura há seis anos.

